

A Diferença

Comparar os anos 80 com os 90 é ignorar a enorme transformação em curso na economia brasileira **Por André Lahóz**

● **FATO 1:** ENTRE 1970 E 1980 A ECONOMIA brasileira cresceu nada menos que 129% — ou seja, o PIB mais que dobrou nesse período. Isso corresponde a uma média anual de 8,6%.

● **Fato 2:** entre 1980 e 1999, a economia brasileira cresceu 43%. Isso dá uma média anual de 1,9%.

● **Conclusão:** não apenas a década de 80 deve ser considerada perdida. Os anos 90 representam igualmente um período em que quase nada foi feito em termos econômicos. Já são quase 20 anos de economia parada. Certo?

Errado. Aliás, erradíssimo. Embora essa análise venha sendo bastante repetida nos últimos tempos, não faz nenhum sentido afirmar que os anos 90 representam um período de estagnação na economia. “Isso é basicamente uma grande besteira”, diz o economista Gustavo Franco, ex-presidente do

Banco Central. Na verdade, trata-se de mais um exemplo de como dá para contar uma mentira falando só verdades. Note que os números acima estão corretos. O problema é que eles escondem a profunda reorganização que vem ocorrendo no país ao longo da última década. Portanto, não faz sentido chamá-la de perdida. Não se trata apenas de uma questão semântica. O que está em discussão são os rumos do país. “Há uma clara tentativa de mostrar que o neoliberalismo é responsável pelo crescimento econômico mais fraco”, diz Carlos Kawall, economista-chefe do Citibank no Brasil.

Até a década de 80 o Brasil era um dos mais ferrenhos adeptos de um modelo de industrialização por substituição de importações. As linhas gerais desse modelo, iniciado ainda no governo Vargas, são conhecidas: economia fechada

com forte presença estatal, pouca integração com o resto do mundo, gasto público como peça central do desenvolvimento. O sucesso da industrialização brasileira foi indiscutível. “Mas esse modelo se esgotou completamente”, diz o economista Edmar Bacha.

É nesse contexto que se deve encarar a década que termina. Os últimos dez anos marcaram uma guinada radical na estratégia brasileira de desenvolvimento. Em primeiro lugar, a economia se abriu para o exterior. As importações passaram de 20 bilhões de dólares em 1990 para o triplo desse valor em 1997. O investimento direto estrangeiro vem dando saltos incríveis: passou de menos de 1 bilhão de dólares no início da década para mais de 30 bilhões em 1999. “O que houve foi um choque de capitalismo”, diz Gustavo Franco. O resultado de mais investi-

A pobreza diminuiu

Apesar do crescimento fraco da economia nos últimos anos, o número de pobres é menor

QUE OS DOIS ÚLTIMOS ANOS NÃO FORAM GRANDE COISA para a economia brasileira, já não resta muita dúvida. O PIB brasileiro ficou estável em 1998 e cresceu apenas 0,5% no ano passado — taxa bem menor do que o crescimento da população. Uma consequência desse desempenho pouco brilhante foi o crescimento da taxa de desemprego, que saltou do patamar de 5,5% da população economicamente ativa em 1997 para cerca de 7,5%, nível em torno do qual vem oscilando desde então. No último dia 27, os jornais divulgaram com amplo destaque uma lista internacional de desemprego em que o Brasil aparece na terceira colocação em número absoluto de desempregados, atrás apenas de Índia e Rússia. É claro que comparar números absolutos não faz muito sentido: o Brasil,

com quase 170 milhões de habitantes, estará sempre à frente da Libéria, mesmo se 100% da população daquele pequeno país africano vier a ficar desempregada. Mas é inegável que o desemprego aumentou nos últimos anos.

O problema é que, de uns tempos para cá, tem surgido com certo destaque na imprensa a avaliação de que isso indicaria uma deterioração também nas condições sociais da população brasileira. Os brasileiros estariam mais pobres, vivendo pior, e o país, caminhando para uma situação de caos social. Não é isso que temos lido com frequência nas colunas de jornais e revistas? Só que há um pequeno problema: isso não é verdade.

Um estudo recente do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, mostra um resultado interessante: a

mentos e de mais competição foi uma forte expansão na produtividade das empresas. "Em alguns setores, ela dobrou nos últimos anos", afirma o economista Régis Bonelli, um dos maiores especialistas brasileiros em indústria.

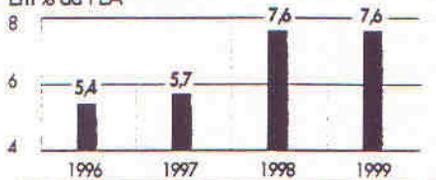
Bonelli se lembra de uma conversa que teve com o presidente de uma grande empresa de autopeças em 1994, quando era diretor do BNDES. "Esse industrial me contou que, se algum consultor lhe dissesse no final dos 80 que em cinco anos ele poderia produzir o mesmo sem contratar ninguém, teria sido dispensado", diz Bonelli. "Mas foi exatamente o que aconteceu com sua produção." Esse fenômeno é geral. Um estudo dos economistas Pedro Ferreiros e José Luis Rossi mostra um quadro semelhante. Os dois analisaram a produtividade para 16 diferentes setores da indústria entre 1985 e 1997. Houve ganhos expressivos em todos os casos. Na indústria de fumo a produtividade cresceu quase 130%.

A melhoria na forma de produzir vem por duas vias. De um lado, há a própria necessidade imposta pela competição. De outro, a abertura permite que as empresas passem a comprar insumos de melhor qualidade. "A lei de

O desemprego subiu...

A taxa aumentou nos últimos anos

Em % da PEA

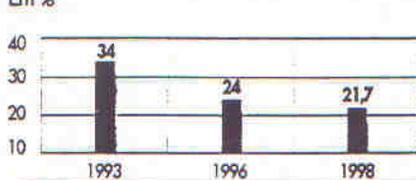


Fonte: PME - IBGE

...mas a pobreza caiu

Proporção de indigentes na população

Em %

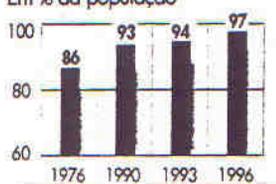


Fonte: PNAD/IBGE Elaboração: Marcelo Neri - FGV

Aumenta o acesso a bens de consumo

Há mais gente com rádio...

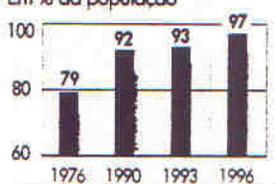
Em % da população



Fonte: PNAD/IBGE Elaboração: Marcelo Neri - FGV

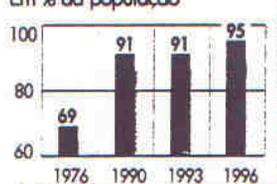
...televisão...

Em % da população



...e geladeira

Em % da população



A rede de serviços públicos também melhorou

Crescem as ligações de água encanada...

Em % dos domicílios



Fonte: PNAD/IBGE Elaboração: Marcelo Neri - FGV

...esgoto...

Em % dos domicílios



...e a coleta de lixo

Em % dos domicílios



proporção de pobres na população vem caindo consistentemente ao longo dos últimos anos. O mais surpreendente é que essa redução se manteve em 1998, quando o Brasil já vivia intensamente os efeitos da crise asiática.

Os números indicam que o grande avanço na questão da pobreza se deu nos primeiros anos do Plano Real. Entre 1993 e 1996, a proporção de pessoas com renda per capita inferior a 75 reais caiu de 34% para 24%. Trata-se de uma queda expressiva para um período tão curto. O número de 1998 mostra uma melhora bem mais modesta: o número caiu para 21,7%. Traduzindo: a pobreza continuou a cair apesar da crise econômica, mas em ritmo bem mais lento.

Neri usa uma segunda linha de pobreza, mais abrangente, e os resultados foram semelhantes. Cerca de 60% da população tinha renda per capita de 150 reais por mês em 1993. Dois anos depois, o número caiu para 47%. Em 1998, esse percentual era de 44,4%. Portanto, nada mais equivocados do que achar que a pobreza vem crescendo.

Afinal, o que está acontecendo no campo social? Como explicar essa aparente contradição entre desemprego em alta e pobreza em queda? Em primeiro lugar, é preciso olhar com mais calma os indicadores de emprego. A Pesquisa Mensal de Emprego, feita pelo IBGE, mede o desemprego em seis áreas metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre. "Aí há uma crise localizada no mercado de trabalho", diz Neri. Ele constata que, além do aumento da taxa, há também uma maior duração do desemprego.

Os dados usados para os (bons) estudos sobre pobreza são muito mais abrangentes. Os pesquisadores usam a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio, feita em praticamente todo o país. Aí o resultado é outro: a situação vem melhorando. "Temos hoje uma crise de desemprego, não uma crise de pobreza", diz Neri. "Não dá para usar os números de São Paulo e achar que esse é o retrato do Brasil."

informática talvez seja o melhor exemplo de como a indústria teve de usar equipamentos ruins", diz Pedro Ferreira. Com a abertura, o índice de nacionalização dos investimentos em máquinas e equipamentos cai de mais de 75% para cerca de 50%. O resultado é um setor industrial muito mais forte. "A indústria estava sucateada no final dos anos 80", diz o consultor José Paschoal Rossetti, da Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte. "Em dez anos ela fez uma revolução e começa o ano 2 000 atualizada."

A estabilização é outro marco dos anos 90. O fim da época de inflação alta trouxe um enorme ganho para a economia brasileira. Em primeiro lugar, para as empresas. Em épocas de instabilidade, as empresas buscavam bons economistas para se defender dos pacotes econômicos. Todo o resto — desenvolver produtos, investir, tratar bem o cliente — ficava em segundo plano. Com o Plano Real, essa lógica mudou. Não é coincidência que o investimento privado venha crescendo fortemente nos últimos anos. Virou questão de sobrevivência.

Em segundo, a estabilização representou um enorme ganho para a população. "A renda das pessoas se tornou muito mais estável", diz o economista Marcelo Neri, da FGV do Rio de Janeiro. Isso aumentou o bem-estar dos brasileiros, pois ninguém precisa correr aos bancos para aplicar seu dinheiro. O fim da inflação trouxe outra consequência: as lojas voltaram a conceder

crédito à população, que pôde assim ir às compras. Além disso, houve um ganho real de renda pelo fim do chamado imposto inflacionário. "A renda dos mais pobres cresceu 10% com o fim da inflação", diz Neri.

O outro avanço importante dos 90 se deu na forma de encarar o papel do setor público. Durante a maior parte do século, o governo foi visto como o principal motor do desenvolvimento. O investimento público seria a grande explicação para o sucesso do país. A crise de 1982 liquidou essa percepção. "Ficou evidente que o governo não tinha mais condições de investir", diz a economista Monica Baer, autora do livro *O Rumo Perdido*, sobre a economia brasileira nos anos 80. Desde o início da década, o governo já vendeu 120 estatais. Com isso, alguns gargalos importantes estão desaparecendo.

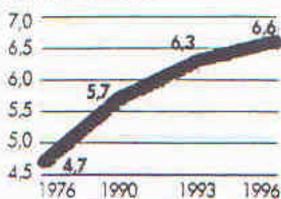
A falta de telefones, por exemplo, já foi considerada um sério impedimento ao crescimento. Hoje é um problema praticamente equacionado. Além disso, a privatização permite que o governo se concentre em setores como saúde e educação. Os resultados positivos dessa reorientação já estão aparecendo, pelo menos no caso da educação. "Os números estão mostrando uma clara aceleração nos índices de educação nos últimos anos", diz Cláudio Moura Castro, assessor-chefe para a educação do Banco Interamericano para o Desenvolvimento.

Tudo isso somado, há uma gritante diferença entre os anos 80 — a década perdida — e os anos 90. No final do governo Sarney o país vivia à beira de uma hiperinflação, com um Estado financeiramente quebrado e com as empresas deterioradas. Hoje, o país tem uma inflação de um dígito, os investimentos estão na ordem do dia e o setor público participa cada vez menos na vida econômica nacional. "Os próximos dez anos devem ser bem melhores", diz Edmar Bacha. Ele prevê crescimento anual de 5,5% nos próximos cinco anos e de 6,5% nos cinco seguintes.

Apesar disso, não há como negar que a transição de modelo econômico está se mostrando dolorosa para alguns. O desemprego subiu nos últimos anos. Há muitas empresas que fecharam suas portas. "Não há dúvidas de que as dores do parto existem", diz o sociólogo Brasília Sallum Júnior, da USP, estudioso da transição econômica brasileira. Isso não chega a ser novidade. Nos anos 30, o Brasil começou a transitar de um modelo de crescimento baseado na exportação de matérias-primas para um modelo industrial. Foram necessários 20 anos para que o modelo de substituição de importações deslanchasse. Agora não foi diferente. Já se vão quase 20 anos desde a crise de 1982, considerado o marco final desse modelo. "A diferença é que os anos 80 foram fracos e não deixaram nada de positivo na economia", diz Bacha. "Os anos 90 prepararam para um novo ciclo de expansão." ■

Mais tempo na sala de aula

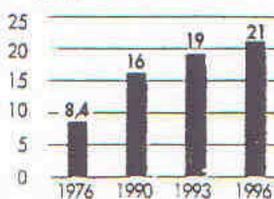
Os chefes de família têm maior escolaridade — em número de anos



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Marcelo Neri — FGV

Avanço feminino

Aumenta a participação da mulher na renda familiar — em %



Mais com menos

A produtividade das empresas brasileiras dobrou em alguns setores — 1985 = 100.



Fonte: Pedro Ferreira e José Luis Rossi